A PENA DE OURO DA ABOLIÇÃO

J. C. Alencar Araripe

Ainda existe a pena de ouro com que o então Presidente do Ceará assinou a ata da solenidade em que esta Província foi declarada liberta definitivamente da ignominia da escravidão negra. Existe ainda, e foi doada a uma das organizações culturais mais sérias e tradicionais do Brasil, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Por ocasião da visita que fiz, como vereador de Fortaleza, à Câmara Municipal de Salvador, nos idos de 1953, aludiu-se, tanto nos discursos de saudação como no de agradecimento, à circunstância de a libertação total dos escravos no Ceará haver ocorrido quando um baiano, Dr. Sátiro de Oliveira Dias, presidia os destinos da comunidade cearense.

Depois da sessão, travando conhecimento com o vereador Álvaro da Franca Rocha, Líder da UDN no Legislativo de Salvador, médico e membro do Instituto Histórico, revelou-me ele que tinha em seu poder a pena de ouro do Dr. Sátiro Dias ligada à extinção do regime do tráfico humano no Ceará.

Recebeu-a, juntamente com vários documentos, da viúva do preclaro filho da Bahia, a Sra. Guilhermina Rego Oliveira Dias, conservando-a em seu poder há cerca de 25 anos.

Logo indaguei do ilustre colega baiano se não concordava em oferecê-la ao meu Estado, através do seu Instituto Histórico, já que estava tão intimamente ligada ao fato mais luminoso da nossa crônica, o que fala mais alto do civismo do nosso povo e que valeu ao Ceará a glorificação de Terra da Luz.

Mas o Dr. Álvaro Rocha objetou sem vacilar:

— Isso, nem se fala. A caneta ficará na Boa Terra. Mas, já que você se mostrou tão interessado pelo assunto, desde logo o convido para assistir à sessão, no decorrer da qual entregarei à guarda do Instituto Histórico da Bahia tão precioso objeto, que lembra um acontecimento memorável do seu Estado.

NO INSTITUTO HISTÓRICO

Uma tarde de sábado, lá estava, no Instituto Geográfico e Histórico, entre ilustres homens de letras. Foi um prazer imenso e uma honra para mim das maiores ser recebido, em ocasião como aquela, no Lar da Tradição, como o chamou Afrânio Peixoto.

Naquele cenáculo, tão saturado de história e de saber, onde o culto apaixonado do passado se entretece com o grande esforço cultural do presente; naquele ambiente, em que tão viva está a cordialidade de um povo, senti toda a verdade do autor do "Livro de Horas", quando disse ser o Instituto um "lar hospitaleiro que a Bahia abre, permanentemente, aos baianos, aos brasileiros, aos peregrinos vindos de onde vierem, que a visitam e têm acolhida, respeitosa e diferente". Vi, como já havia visto Afrânio Peixoto: o Instituto é o "verdadeiro retrato da Bahia: amável, na sua generosidade". Tive a satisfação de percorrê-lo e de conhecer o precioso acervo de raridades que reúne, conservadas com esmero, com cuidados especiais, para dificultar, tanto quanto possível, a ação destruidora do tempo.

Centro de investigação de assuntos históricos, o Instituto há prestado assinalados serviços à cultura brasileira, credenciando-se, assim, ao conceito que merecidamente conquistou e que com justiça desfruta em todo o país.

Possui uma magnífica biblioteca, a segunda de Salvador e a primeira em conjuntos especializados, o que representa elemento de inestimável valia para os estudos que estimula e periodicamente divulga.

Se visitar o Instituto é um privilégio, fazê-lo em oportunidade como aquela com que me deparei, para presenciar a doação da pena de ouro de Sátiro Dias às coleções do ilustre sodalício, foi de maneira a deixar recordações indeléveis.

Registro jornalístico

"O Cearense", jornal que se editava em Fortaleza ao tempo da libertação dos escravos, publicou uma nota, a 29 de março de 1884, em que há alusão direta à pena de ouro, agora no Instituto Histórico da Bahia.

Transcrevo-a em parte:

"Terminaram ontem, por uma procissão cívica e esplêndida, os festejos celebrados nesta capital, para comemorar o auspicioso acontecimento da redenção do Ceará.

Não nos restando hoje tempo para dar minuciosa notícia de todas as festas, limitamo-nos por ora à descrição da sessão magna, que se realizou a 25 do corrente, em um espaçoso pavilhão aberto, levantado na praça do Senador Castro Carreira.

O centro desse pavilhão era ocupado por três a quatro mil pessoas de todas as classes sociais. No fundo havia um vasto estrado elevado, cujo aspecto era o seguinte: uma mesa central, junto à qual tomavam assento os Exmos. Srs. Presidente da Província, Dr. Sátiro de Oliveira Dias; D. Luís, Arcebispo da Bahia; D. Joaquim, Bispo Diocesano; Dr. João Dantas Filho, Chefe de Polícia, e Senador Castro Carreira.

Aos lados achavam-se de pé dois numerosos grupos compostos de cônsules estrangeiros e de representantes da imprensa desta capital, de outras Províncias, de diversas associações e da Sociedade Libertadora.

Circulando a mesa, formavam em semi-círculo 58 virgens cearenses à fantasia, representando os Municípios da Província.

Nos extremos do estrado mais de 200 senhoras e cavalheiros dos mais distintos desta capital.

Começou a solenidade ao meio dia, pelo Hino da Redenção, cantado por um côro de senhoras cearenses, auxiliadas

pelos artistas da Troupe Lírica, que foram estrepitosamente aplaudidos.

Em seguida tomou a palavra o Exmo. Sr. Presidente da Província que proferiu entre gerais aplausos um eloquentíssimo discurso, expandindo-se o entusiasmo popular em verdadeiro frenesi quando S. Exa. pronunciou as palavras finais, declarando a Província livre de escravos.

Nesse momento funcionou a linha telefônica, assentada expressamente entre o pavilhão e a fortaleza da Assunção, e aos aplausos do povo uniram-se ao mesmo tempo as salvas da artilharia, as descargas da guarda do batalhão 11.º de infantaria e numerosas girândolas de foguetes de todos os pontos da cidade.

Depois, proferiram discursos e poesias, sempre ruidosamente aplaudidos, muitos oradores e poetas, como representantes de associações e da imprensa desta e de outras províncias do império.

Aos Exmos. Srs. Presidente da Província e Bispo Diocesano foram oferecidas duas penas de ouro para assinarem a ata da sessão em nome das senhoras da Sociedade Libertadora".

O PRESIDENTE DA ABOLIÇÃO

Por fim, algo da personalidade do Dr. Sátiro de Oliveira Dias.

Foi um baiano de evidência, que teve notável projeção na vida pública do Brasil. Ainda no quarto ano de Medicina, serviu na guerra do Paraguai, de onde voltou primeiro cirurgião e condecorado com o hábito da Rosa. Ingressando na política, elegeu-se deputado provincial em várias legislaturas; foi deputado geral pelo Amazonas e depois pela Bahia, chegando a ser Vice-Presidente da Câmara Federal; ocupou Secretarias do Governo em sua terra e presidiu os destinos de três Províncias: Rio Grande do Norte, Amazonas e Ceará, sendo que nesta última permaneceu de agosto de 1883 a maio de 1884. O fato principal da sua administração no Ceará foi a

libertação dos escravos, sobre a qual proferiu, no dia 25 de março de 1884, brilhante discurso de exaltação. Durante a sua permanência aqui, tomou posse o 2.º Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, e verificou-se a inauguração da Escola Normal de Fortaleza, criada em 1878. Intelectual, foi o Dr. Sátiro Dias, autor de publicações diversas, bem como Vice-Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, que hoje guarda, com desvanecimento, a pena de ouro com que o seu eminente associado, quando Presidente do Ceará, praticou um ato que o ligou de maneira definitiva ao episódio glorioso da libertação dos escravos na Terra da Luz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARARIPE, J. C. Alencar — Relíquia do Ceará; patrimônio da Bahia. **In: O Povo.** Fortaleza, 17 março, 1953.

NOTÍCIA sobre as festas comemorativas da Abolição dos Escravos no Ceará. **In: Jornal O Cearense.** Fortaleza, 29 março, 1884.

PEIXOTO, Afrânio — **Livro de horas.** Rio de Janeiro, Agir, 1947. 323 p.